Revista Territorium Terram, v. 08, n. 14, 2025
DOI: 10.5281/zenodo.15287703

GUARDIÕES DA RESILIÊNCIA: EMPODERANDO ALUNOS PARA UM FUTURO SEGURO, EM PORTUGAL

Guardians of Resilience: Empowering Students for a Safe Future, in Portugal

Paulo Manuel Costa Lemos
Doutorando em Geografia – Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Orcid: https://orcid.org/ 0000-0002-6763-6623
paulomclemos@outlook.com

Artigo recebido em janeiro/25 e aceito em abril/2025

RESUMO
Este projeto propõe-se a integrar a educação para o risco no ensino da Geografia, capacitando alunos do 9.º ano para identificar, avaliar e mitigar riscos naturais, tecnológicos e socioeconômicos. Desenvolvido no âmbito do Curso de Extensão '*Introdução à Temática dos Riscos na Educação Escolar*', combina uma abordagem teórica e prática, incluindo debates, estudos de caso e simulações. Com base nas Aprendizagens Essenciais, o projeto promove a reflexão crítica sobre a vulnerabilidade e a resiliência, incentivando os alunos a desenvolverem estratégias de prevenção e resposta a riscos. Estruturado em 13 semanas, proporciona uma experiência educativa dinâmica e envolvente, estimulando a cidadania ativa e a participação comunitária na gestão do risco. Este projeto permite, assim, ampliar a literacia sobre riscos, fortalecendo, em simultâneo, o papel dos estudantes como agentes de mudança e preparando-os para contribuir ativamente para sociedades mais seguras e resilientes.

Palavras-chave: Risco; Resiliência; Cidadania; Ensino de Geografia; Prevenção.

ABSTRACT
This project aims to integrate risk education into Geography teaching, training 9th grade students to identify, assess and mitigate natural, technological and socio-economic risks. Developed as part of the Extension Course *'Introduction to the Theme of Risks in School Education*', it combines a theoretical and practical approach, including debates, case studies and simulations. Based on Essential Learning, the project promotes critical reflection on vulnerability and resilience, encouraging students to develop risk prevention and response strategies. Structured over 13 weeks, it provides a dynamic and engaging educational experience, encouraging active citizenship and community participation in risk management. This project thus makes it possible to expand risk literacy while strengthening the role of students as agents of change and preparing them to actively contribute to safer and more resilient societies.

Keywords: Risk; Resilience; Citizenship; Geography teaching; Prevention.

1. INTRODUÇÃO

É capaz de imaginar um país em que os seus estudantes dos Ensinos Básico e Secundário, e, até mesmo, universitário, são (re)conhecidos como os *Guardiões da Resiliência*, perfeitamente capacitados e preparados para enfrentar qualquer desafio que o futuro lhes possa reservar? Se sim (e

mesmo que ainda não consiga!), continue a explorar as páginas deste projeto, intitulado '*Guardiões da Resiliência: Empoderando Alunos para um Futuro Seguro, em Portugal*', e logo compreenderá que ele nasce da necessidade premente de forjar uma geração de jovens preparados, conscientes e destemidos, diante dos inúmeros riscos que podem afetar as suas vidas e a sociedade em que se inserem (Jacobi, 2007).

Neste contexto, e com o objetivo de tornar essa visão uma realidade tangível, este projeto foi concebido no âmbito do Curso de Extensão intitulado '*Introdução à Temática dos Riscos na Educação Escolar*', promovido pelo Grupo de Investigação '*GEPEGER - Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos*' e visa contribuir para o avanço teórico e metodológico da investigação sobre riscos, mas, sobretudo, fomentar uma abordagem didático-pedagógica inovadora, que permita integrar, de forma transversal e eficaz, a gestão do risco no ensino da Geografia. Desta forma, pretende-se capacitar os jovens para compreenderem e responderem de forma proativa aos desafios que podem surgir em diferentes contextos sócio-políticos e econômico-ambientais.

Com efeito, a compreensão dos riscos não pode ser dissociada da realidade concreta em que se inserem, pois estes emergem de um sistema dinâmico e interdependente entre fatores físicos e antrópicos. Assim, a mitigação eficaz dos riscos exige uma visão integrada, que leve em consideração, não apenas os impactos diretos, mas também as interações sistêmicas que os amplificam. No caso português, a sua complexidade geográfica e sociocultural molda os riscos de forma singular: a riqueza do seu patrimônio natural e humano contrasta com os desafios estruturais que enfrenta, desde os devastadores incêndios florestais (Bento-Gonçalves, 2021), passando pelas complexidades das epidemias globais, como a de Covid-19, que transfigurou radicalmente os territórios (Gonçalves & Gonçalves, 2004; Marques *et al.*, 2020), até à persistência de problemas socioeconômicos, como a pobreza, mendicidade e a exclusão social (Diogo *et al*., 2015), que alteram profundamente como vivemos, perspectivamos o futuro e percepcionamos o(s) risco(s).

É por isso que, num mundo cada vez mais globalizado, e em contínua evolução, torna-se imperativo consciencializar e dotar as gerações (atuais e próximas) de capacidades necessárias e imprescindíveis para poderem enfrentar os desafios que, de forma cíclica, se impõem ao planeta e, muito particularmente, ao Ser Humano. Assim, germina a inspiração para este projeto escolar: as gerações, muito particularmente, as mais novas, desempenham um papel vital na (re)construção de comunidades mais resilientes, mais instruídas e mais 'inteligentes' (Allenby & Fink, 2005) e, por isso, ao capacitá-las para identificar, compreender, avaliar e gerir os riscos, estamos, naturalmente, a investir num futuro mais seguro, para si, e para o (seu) país.

Nesta lógica, o projeto que a seguir se apresenta, pretende assumir-se, mais do que um conjunto de atividades educativas, uma jornada de (re)descoberta e preparação. Ao longo das próximas páginas, procuraremos, em conjunto, inspirar e capacitar os nossos jovens, garantindo que se tornem líderes, conscientes e preparados para enfrentar qualquer desafio e, simultaneamente, frisar, a cada página escrita, que a gestão do(s) risco(s) é a chave para esse sucesso… e a jornada, essa, começa agora!

2. PÚBLICO-ALVO & TEMPO DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

O projeto destina-se, essencialmente, a estudantes do Ensino Básico, com especial enfoque nos alunos do 9.º ano de escolaridade, cujas idades, em Portugal, se situam entre os 13 e os 15 anos. Esta escolha fundamenta-se na adequação do projeto ao currículo da disciplina de Geografia, nomeadamente no tema 'Sociedade e Ambiente'[1], e na capacidade cognitiva dos estudantes para compreender e refletir criticamente sobre a gestão do(s) risco(s). Adicionalmente, esta fase de transição da infância para a adolescência representa um momento crucial para o desenvolvimento da consciência cívica e da predisposição para o envolvimento ativo nas atividades propostas.

Não obstante, o projeto apresenta uma estrutura flexível que permite a sua adaptação para os níveis do Ensino Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade), contribuindo para a ampliação dos seus conhecimentos, capacidades e atitudes. Isto, porque defendemos que a educação para a gestão do(s) risco(s) deve ser transversal e contínua, capacitando os jovens para enfrentarem desafios complexos e contribuírem para a (re)construção de uma sociedade mais justa, informada e resiliente. Assim, e alinhando-se com os princípios da *Educação para a Cidadania* (DGE, 2012)[2], o projeto visa fomentar uma visão integrada e participativa da realidade, permitindo aos alunos tornarem-se agentes de mudança e defensores ativos da segurança coletiva, convergindo esforços para, segundo o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* – PASEO – (2017) '(…) a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar' (p. 03).

Neste sentido, o projeto será desenvolvido ao longo de um período letivo, compreendendo, aproximadamente, 2-3 meses, um intervalo cronológico adequado para garantir que os tópicos relacionados com a gestão do(s) risco(s) sejam abordados de forma eficaz e envolvente. Este período permite a implementação de estratégias didático-pedagógicas que favoreçam a assimilação dos conceitos e promovam um aprendizado significativo e aplicado à realidade dos alunos.

[1]. Passível de ser consultado em: https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico
[2]. Passível de ser consultado em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania.pdf

DOI: 10.5281/zenodo.15287703

3. JUSTIFICAÇÃO CIENTÍFICA & QUESTÕES-NORTEADORAS

A pertinência deste projeto é reforçada pelo *Referencial de Educação para o Risco* (2015, p. 05), que reconhece

> A Educação para o Risco (…) [como um elemento essencial na] formação da criança e do jovem que importa desenvolver desde os primeiros anos de vida. A escola tem um papel fundamental neste processo, enquanto interveniente privilegiado na mobilização da sociedade, proporcionando e promovendo dinâmicas e práticas educativas que visam, no espetro mais amplo da educação para a cidadania, a adoção de comportamentos de segurança, de prevenção e gestão adequada do risco.

De facto, e através da Educação para o Risco, a escola não apenas fornece informações valiosas sobre os diversos tipos de risco, mas também promove dinâmicas e práticas educativas que visam preparar os alunos para serem cidadãos conscientes, responsáveis e capazes de contribuir ativamente para a sociedade em que se inserem.

Neste sentido, abordar a temática da gestão dos riscos no ensino básico, em Portugal, é de suma importância, devido a vários motivos: em primeiro lugar, a exposição dos alunos do 9.º ano aos conceitos da gestão dos riscos é fundamental, já que permite dotá-los de conhecimentos científicos e capacidades/habilidades essenciais para enfrentar situações em que estes se manifestam, quer seja nas suas vidas pessoais, quer seja na sociedade em que se inserem.

Além disso, a gestão dos riscos não é, apenas, uma habilidade prática, mas, também, uma competência cívica importante. Ao educar os alunos sobre os riscos que a sociedade contemporânea enfrenta, estamos, certamente, a capacitá-los para tornarem-se cidadãos responsáveis, conscientes, éticos e ativos, que contribuirão, num futuro muito próximo, para a (re)construção de sociedades mais seguras, bem como participar na tomada de decisões relacionadas a questões de segurança e prevenção (Amaro, 2003).

Neste sentido, em Portugal, onde a geografia diversificada e os desafios socioambientais (e.g. incêndios florestais, mendicidade, prostituição, pobreza, …) podem representar ameaças significativas, é vital que os jovens compreendam os riscos específicos do país. Além disso, num mundo globalizado, as ameaças, mormente, à saúde (e.g. epidemias), não conhecem fronteiras. Portanto, a educação para a gestão do(s) risco(s) (Lourenço, 2015) é estrutural e visa preparar os estudantes para enfrentar estas situações, tanto a nível local como global.

Foi com base nestas reflexões que delineamos um conjunto de questões estruturantes que sustentam o desenvolvimento deste projeto, as quais, além de orientarem a investigação, desafiam, também, os estudantes a refletirem criticamente sobre a relação entre o risco, a vulnerabilidade social e a resiliência comunitária, promovendo, deste modo, uma abordagem mais integrada e transformadora da gestão dos riscos. Assim, propomos as seguintes problemáticas:

1. De que forma podemos mitigar os impactos dos riscos naturais, recorrentes em Portugal (e.g. incêndios florestais), garantindo a proteção das populações e do território, e promovendo uma cultura de prevenção eficaz e sustentável?

2. Como podemos fortalecer a preparação e a resposta da(s) sociedade(s) a epidemias globais (e.g. Covid-19), abonando que as lições do passado se possam traduzir em estratégias mais eficientes e equitativas no futuro?

3. De que forma é possível reduzir a exposição das comunidades ao(s) risco(s) de desastres naturais, considerando a importância da (re)adaptação territorial, do planejamento urbano e da sensibilização social?

4. Como é que a desigualdade social contribui para o agravamento da vulnerabilidade ao(s) risco(s) e que estratégias podem ser adotadas para reduzir essa disparidade?

5. Qual o papel da cidadania ativa na (re)construção de uma sociedade mais resiliente? Isto é, de que forma os indivíduos podem, no seu dia a dia, contribuir para a prevenção e mitigação do(s) risco(s), no contexto local e nacional?

Estas questões norteadoras refletem, assim, desafios concretos e urgentes que condicionam a segurança e o progresso das sociedades contemporâneas. No caso português, os reflexos dos incêndios florestais recorrentes, por exemplo, não são meros desastres isolados, mas, sintomas de uma gestão territorial deficitária, bem como da falta de ações preventivas eficazes. De igual modo, a pandemia de Covid-19 expôs a fragilidade dos sistemas de saúde, aprofundando desigualdades no acesso aos cuidados médicos e, simultaneamente, demonstrando a necessidade de políticas mais coordenadas e eficazes.

No entanto, a vulnerabilidade ao(s) risco(s) não se restringe a fatores naturais ou epidemiológicos, mas, porventura, encontra-se, também, intrinsecamente ligada às desigualdades socioeconômicas: é comumente usual pensar-se que as populações mais desfavorecidas enfrentam maiores dificuldades para se protegerem e recuperarem da manifestação de eventos catastróficos, perpetuando, deste modo, ‘ciclos’ de vulnerabilidade e de injustiça que comprometem, grosso modo, a resiliência social coletiva.

Portanto, este projeto acaba por não se limitar a estudar os riscos, mas desafia, de igual modo, os estudantes, no sentido de se prepararem como ‘agentes ativos’ da mudança, dotando-os de conhecimentos teóricos e instigando-os a envolverem-se, de forma crítica, cívica e com capacidade de intervirem no espaço público, adotando comportamentos preventivos e exigindo políticas eficazes. É que, a nosso ver, a segurança e a resiliência das comunidades não dependem, apenas, de decisões governamentais, mas da mobilização coletiva e da participação informada dos cidadãos. Assim, este projeto é um convite à ação, estimulando os estudantes a compreenderem que o seu papel na

sociedade é essencial para transformar a gestão do(s) risco(s) e (re)construir um futuro mais seguro e sustentável.

4. OBJETIVOS (GERAIS & ESPECÍFICOS) DO PROJETO

Este projeto tem, como principal objetivo, capacitar os alunos do 9.º ano de escolaridade para compreender, avaliar e gerir os diversos tipos de risco – físico, antrópicos e tecnológicos –, promovendo uma abordagem crítica e participativa. Neste sentido, o projeto visa a aquisição de conhecimentos (científicos), bem como o desenvolvimento de competências práticas e cívicas que permitam aos estudantes atuar de forma responsável e proativa na prevenção e mitigação do(s) risco(s), fortalecendo a resiliência das comunidades locais e contribuindo para um futuro mais seguro, equitativo e sustentável.

Deste modo, a concretização deste objetivo geral assenta numa estrutura de objetivos específicos que se desdobram e operacionalizam esta missão educativa (Tabela 1).

Tabela 1: Objetivos Específicos do Projeto Escolar.

Objetivos Específicos (OE) do Projeto	
OE1	Compreender conceitos de risco e prevenção.
OE2	Desenvolver estratégias e capacidades de preparação e resposta a eventos extremos (e.g. incêndios florestais ou epidemias)
OE3	Sensibilizar para os diversos tipos de risco(s).
OE4	Incentivar a participação cívica e proativa, na gestão de riscos.

Fonte: Elaboração Própria.

5. CONTEÚDOS, METODOLOGIA(S) E AVALIAÇÃO DO PROJETO

A complexidade dos riscos que afetam Portugal e o mundo exige uma abordagem educativa estruturada, interdisciplinar e crítica. O presente projeto visa, precisamente, isso, ao dotar os alunos do 9.º ano de escolaridade de conhecimentos essenciais sobre os diferentes tipos de riscos, preparando-os para identificar, avaliar e intervir em situações de vulnerabilidade. Mediante uma metodologia que combina análise teórica e atividades práticas, este projeto procura aumentar a literacia dos estudantes sobre riscos, bem como fomentar a participação ativa destes na mitigação e prevenção destes desafios.

Desta forma, os conteúdos abordados no projeto escolar foram organizados em torno de cinco grandes eixos temáticos, assegurando um enquadramento integrado que permite aos alunos compreender a diversidade e complexidade dos riscos, bem como desenvolver competências para a sua gestão e mitigação. Estes conteúdos acabam por dialogar diretamente com as *Aprendizagens Essenciais* da disciplina de Geografia do 9.º ano, além de se articularem com os objetivos gerais e

específicos deste projeto escolar, o que permite promover um percurso formativo coerente e aplicado (Tabela 2).

Tabela 2: Estrutura dos Conteúdos e Processos Metodológicos do Projeto.

Eixo Temático	Conteúdos Abordados	Processos Metodológicos
Tipos de riscos em Portugal	- Riscos Naturais; - Riscos Tecnológicos; - Riscos Socioeconômicos;	**Semanas 1 e 2:** Introdução & Sensibilização: Apresentação do projeto, discussão sobre os tipos de riscos e atividades de sensibilização.
Preparação para lidar com desastres naturais	- Estratégias de prevenção e mitigação de incêndios florestais; - Planos de evacuação e medidas de segurança, em caso de inundações; - Procedimentos de segurança sísmica e como agir durante um sismo;	**Semanas 3 e 4:** Tipologia dos riscos: Análise de incidentes passados, estudos de caso e atividades práticas de identificação de riscos.
Preparação para epidemias e pandemias	- Compreensão dos mecanismos de propagação de doenças;	**Semanas 5 e 6:** Preparação para desastres naturais: Abordagem de medidas de prevenção, análise de planos de evacuação e realização de um simulacro.
	- Medidas de higiene pessoal e saúde pública; - Vacinação e preceitos de isolamento em caso de epidemias;	**Semanas 7 e 8:** Preparação para epidemias e pandemias: Medidas de higiene e saúde pública, debate sobre vacinação e isolamento.
Consciencialização sobre riscos socioeconômicos.	- Identificação de desigualdades sociais, em Portugal; - Discussão sobre os impactos econômicos dos riscos; - Estratégias para mitigar riscos socioeconômicos na sociedade;	**Semanas 9 e 10:** Consciencialização sobre riscos socioeconômicos: discussão sobre impactos sociais e desenvolvimento de projetos comunitários.
Participação cívica e comunitária	- Participação em projetos comunitários de redução dos riscos (e.g. ações de voluntariado);	**Semanas 11 e 12:** Participação Cívica e Comunitária: Visitas a organismos de proteção civil, participação em simulações de desastres e apresentação dos projetos.
	- Exercícios de preparação para a ocorrência de desastres e simulação de epidemias;	**Semana 13**: Avaliação e Conclusão: Reflexão final, avaliação das aprendizagens e apresentação dos projetos à comunidade.

Fonte: Elaboração Própria.

A abordagem destes conteúdos curriculares não se limita, desta forma, à mera transmissão de conhecimentos científicos, mas, visa, por seu turno, estimular a reflexão crítica e a ação consciente dos alunos, futura geração da sociedade contemporânea. Assim sendo, a gestão do risco, enquanto conceito transversal, deve ser compreendida como um desafio técnico e como uma dimensão essencial da cidadania ativa e da responsabilidade coletiva.

Não obstante, a operacionalização destes conteúdos será feita através da realização de atividades práticas, debates, simulações e estudos de caso, garantindo uma experiência de aprendizagem dinâmica e contextualizada. A participação dos alunos neste processo permitirá, a

nosso ver, que experimentem, questionem e proponham soluções, consolidando a sua autonomia e responsabilidade na (re)construção de comunidades mais seguras e sustentáveis. Portanto, este projeto assume-se como um espaço privilegiado para a (re)construção de conhecimentos e para o desenvolvimento de competências fundamentais para a sociedade contemporânea.

6. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO PROJETO

A avaliação do projeto será contínua e abrangerá diferentes dimensões das aprendizagens adquiridas pelos alunos. Para garantir um processo avaliativo justo e equilibrado, serão considerados os seguintes critérios (Tabela 3):

Tabela 3: Critérios de Avaliação do Projeto.

Critérios	Pontos	Descritores de Desempenho
Participação Ativa	**20**	- Envolvimento nos debates e nas atividades práticas;
		- Colaboração e trabalho em equipa, na elaboração do projeto;
Compreensão & Aplicação de Conhecimentos	**20**	- Demonstração de conhecimento sobre os conceitos e as temáticas abordadas;
		- Capacidade de relacionar e aplicar os conteúdos a contextos reais;
Competências & Habilidades Práticas	**20**	- Capacidade crítica e analítica na avaliação e resolução de problemas;
		- Aplicação de medidas preventivas e estratégias de mitigação;
Responsabilidade & Compromisso Social	**20**	- Participação em atividades de sensibilização e envolvimento comunitário;
		- Compromisso na criação e implementação de propostas para a redução dos riscos;
Apresentação Final	**20**	- Clareza, objetividade e coerência na comunicação das ideias;
		- Interação com a audiência e resposta fundamentada a questões;

Fonte: Elaboração Própria.

Cada critério é avaliado com um máximo de 20 pontos, totalizando 100 pontos possíveis. Este sistema avaliativo permite que os alunos sejam avaliados de forma holística, considerando: (i) o conhecimento teórico adquirido; (ii) as suas competências práticas; (iii) a participação ativa; (iv) e o compromisso com a comunidade socioescolar.

7. BREVES NOTAS CONCLUSIVAS

A conclusão do projeto '*Guardiões da Resiliência: Empoderando Alunos para um Futuro Seguro em Portugal*' representa um passo importante no percurso educativo dos estudantes que, em Portugal, concluem o 3.º Ciclo do Ensino Básico. Trata-se, por isso, de um marco reflexivo sobre o impacto que a educação possui na contribuição da gestão do(s) risco(s), instigando o papel ativo dos nossos jovens na (re)construção de uma sociedade mais resiliente. Deste modo, o presente projeto

escolar não se encerra em si, mas abre caminho para novas aprendizagens, investigações e colaborações que podem transcender o espaço escolar, estendendo-se à comunidade envolvente.

Através desta iniciativa, os alunos do 9.º ano têm a oportunidade de explorar os diferentes tipos de riscos que permeiam o território português, compreender a sua complexidade e, sobretudo, desenvolver competências práticas para enfrentá-los. Mais do que adquirir um conjunto de conhecimentos teóricos pertinentes, os estudantes acabam por ser desafiados a analisar criticamente os fatores que contribuem para a vulnerabilidade social e ambiental e a propor soluções exequíveis e sustentáveis. A transformação destes jovens em *Guardiões da Resiliência* acaba, deste modo, por ser um *intento* pioneiro que transverte a compreensão dos riscos e enraíza-se na sua capacidade de agir e influenciar as dinâmicas comunitárias, tornando os jovens de hoje agentes efetivos da mudança.

Contudo, importa reconhecer que a gestão do(s) risco(s) é um processo contínuo e dinâmico. O conhecimento adquirido ao longo deste projeto escolar constitui, apenas, uma parcela de uma área de investigação e estudo vasto e em constante mutação. Assim, espera-se que os alunos aprofundem a sua aprendizagem, tornem-se promotores ativos de uma cultura de resiliência, ao(s) risco(s), colaborando com as entidades locais e, até regionais na criação de estratégias de mitigação e respostas adaptadas à(s) realidade(s) do(s) território(s) onde vivem.

Este projeto deve, portanto, ser visto como um ‘ponto de partida’ para uma educação transformadora e progressiva na gestão do(s) risco(s), onde o compromisso com a segurança coletiva não se limita ao ambiente escolar, mas expande-se para o quotidiano dos estudantes e da sociedade que os rodeiam e na qual se inserem. A resiliência não é, por isso, um *status* fixo, mas um compromisso contínuo com a (re)adaptação, a inovação e a cooperação. Reconhece-se, assim, que a responsabilidade pela segurança e mitigação dos riscos não é exclusiva de um grupo ou instituição, mas de toda a sociedade.

O envolvimento da comunidade estudantil neste processo evidencia que a juventude tem um papel preponderante na (re)construção de um futuro mais seguro. Contudo, este esforço não pode ser isolado. É imperativo que toda a sociedade – desde as entidades governamentais até os cidadãos comuns – assuma a sua parte nesta missão. Por isso, a resiliência de Portugal depende da colaboração e do empenho de todos.

Deste modo, ao concluir este projeto escolar, reafirmamos o compromisso de continuar a aprimorar estratégias pedagógicas, explorar novas abordagens e fortalecer parcerias que ampliem a eficácia da educação para o(s) risco(s). Unidos, como verdadeiros *Guardiões da Resiliência*, seguimos preparados para enfrentar os desafios emergentes, determinados a (re)construir um país mais seguro, informado e capaz de responder aos riscos do presente e do futuro.

REFERÊNCIAS

ALLENBY, B.; FINK, J. Toward inherently secure and resilient societies. **Science,** Washington, v. 309, n. 5737, p. 1034-1036, 2005.

AMARO, A. Para uma cultura dos riscos. **Territorium,** Coimbra, n. 10, p. 113-120, 2003.

BENTO-GONÇALVES, A. **Os incêndios florestais em Portugal.** Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021. 112p.

DIOGO, F.; CASTRO, A.; PERISTA, P.; SILVA, M. **Pobreza e exclusão social em Portugal:** contextos, transformações e estudos. Braga: Edições Húmus, 2015. 25p.

FERRÃO, J. Portugal, três geografias em recombinação: espacialidades, mapas cognitivos e identidades territoriais. **Lusotopie,** Paris, v. 9, n. 2, p. 151-158, 2002.

GONÇALVES, A.; GONÇALVES, C. Da percepção à gestão do risco – abordagem interdisciplinar. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA – SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS: REFLEXIVIDADE E AÇÃO. 5., 2004, Braga. **Anais...** Braga: 2004. p. 1-7.

JACOBI, P. Educar na sociedade de risco: o desafio de construir alternativas. **Pesquisa em Educação Ambiental,** São Paulo, v. 2, n. 2, p. 49-65, 2007.

LOURENÇO, L. Referencial de educação para o risco, uma recente publicação do Ministério da Educação e Ciência. **Territorium,** Coimbra, n. 22, p. 305-311, 2015.

MARQUES, T.; SANTOS, H.; HONÓRIO, F.; FERREIRA, M.; RIBEIRO, D.; TORRES, M. O mosaico territorial do risco ao contágio e à mortalidade por Covid-19 em Portugal Continental. **Finisterra,** Lisboa, v. 55, n. 115, p. 19-26, 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA. **Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória**. Lisboa, 2017. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/22377/1/perfil_dos_alunos.pdf. Acesso em: 14 fev. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA. **Referencial de Educação para o Risco. Lisboa, 2015**. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_Risco/documentos/referencial_risco.pdf. Acesso em: 17 fev. 2025.